

A BIBLIOTECA COPTA DE NAG HAMMADI UMA HISTORIA DA PESQUISA

Julio Cesar Dias Chaves^{*}

RESUMO

Em 1945, perto da cidade moderna de Nag Hammadi, Alto Egito, uma coleção de manuscritos coptas antigos foi encontrada. Esta coleção de treze códices, feitos de papiro e cobertos com couro, recebeu dos especialistas o nome de *Biblioteca Copta de Nag Hammadi*. Ela abrange textos teológicos e filosóficos, a maioria deles cristãos, e boa parte deles gnósticos. Este artigo é uma discussão introdutória sobre esta coleção de textos.

PALAVRAS-CHAVE: Nag Hammadi, cristianismo primitivo, gnosticismo, literatura copta, Egito.

ABSTRACT

In 1945, near the modern town of Nag Hammadi, Upper-Egypt, a collection of ancient Coptic manuscripts was found. This collection of thirteen codices made of papyrus and covered with leather was named by scholars as *The Nag Hammadi Library*. It contains theological and philosophical texts, most of them Christian, and a considerable part Gnostic. This article is an introductory discussion on this collection of texts.

KEYWORDS: Nag Hammadi, early Christianity, Gnosticism, Coptic literature, Egypt.

^{*} Mestrando em Ciências da Religião pela Université Laval, Québec, Canadá.

INTRODUÇÃO

Os séculos XIX e XX presenciaram uma série de descobertas arqueológicas importantíssimas para o estudo das religiões da antiguidade, sobretudo o judaísmo, o cristianismo e outras crenças ligadas direta ou indiretamente a estas, como o gnosticismo e o maniqueísmo, por exemplo. E ainda, desde a segunda metade do século XIX, o volume de edições, publicações e traduções de fontes antigas relativas aos estudos de religião aumentou consideravelmente. Não resta dúvida de que o estudo histórico destas religiões antigas deve necessariamente se apoiar em fontes primárias. Pôde-se presenciar, portanto, um grande aumento no interesse pelo estudo do cristianismo primitivo, do judaísmo antigo e ainda de correntes religiosas ditas heréticas, caso, por exemplo, dos já citados maniqueísmo e gnosticismo.

Até então, o número de fontes relativas às manifestações religiosas da antiguidade tidas como marginais era consideravelmente baixo. Com exceção de fragmentos de textos conservados em citações da literatura patrística, ou alguns poucos documentos conservados pela tradição das igrejas cristãs, dispunha-se de quase nada para o estudo destas manifestações religiosas. Foram muito poucos os documentos que sobreviveram ao tempo e ao processo de canonização e exclusão progressiva de textos por parte das igrejas cristãs a partir dos séculos IV e V.

O século IV em particular possui um papel importante no contexto de transmissão dos textos cristãos primitivos. Em 303, começa a grande perseguição de Diocleciano contra os cristãos e outras correntes religiosas minoritárias dentro do império. Esta perseguição, além dos tradicionais martírios, fez ainda com que locais de culto fossem aniquilados, funcionários imperiais cristãos fossem demitidos de seus cargos, Bispos fossem aprisionados e textos religiosos incinerados e destruídos. Portanto, muitos textos cristãos se perderam para sempre nesta perseguição de Diocleciano no século IV.

Inversa e surpreendentemente, em 314, o imperador Constantino torna o cristianismo lícito, com o edito de Milão. Anos mais tarde, em 379, o cristianismo do concílio de Nicéia é declarado a única forma correta de cristianismo, e em 391, ele é proclamado religião oficial do império. A partir de então, as outras formas de cristianismo são proibidas e acabam

desaparecendo gradualmente, levando consigo os poucos textos restantes das perseguições de anos atrás. Juntamente a isso, há ainda a própria ação natural deteriorante, fruto dos séculos de existência destes textos.

Portanto, os achados dos séculos XIX e XX constituem uma contribuição excepcional para o estudo das manifestações religiosas marginais da antiguidade. Neste sentido, é possível destacar algumas destas descobertas arqueológicas de fontes primárias que impulsionaram a intensificação destes estudos. A primeira delas é sem dúvida a descoberta dos papiros de Oxiríncos, feita por dois arqueólogos britânicos, Grenfell e Hunt, no final do século XIX, na região central do Egito, próximo à margem leste do Nilo. Esta descoberta trouxe ao conhecimento dos estudiosos textos gregos de várias naturezas, dentre eles alguns textos cristãos.

Outra importante descoberta aconteceu na Palestina, nas proximidades do Mar Morto, no ano de 1948. Tratava-se de milhares de fragmentos de textos aramaicos e hebraicos. Entre os escritos descobertos havia textos bíblicos e também textos sectários que revelam certa diversidade no judaísmo antigo. Os textos de Qumram ficaram conhecidos pelo nome de Manuscritos do Mar Morto e propiciaram uma grande quantidade de fontes para o estudo do judaísmo antigo e ainda para o entendimento de textos cristãos com motivações e background judaicos, como o *Apocalipse*, por exemplo.

Alguns anos antes da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, uma outra descoberta aconteceu no sul do Egito, próximo à cidade moderna de Nag Hammadi. O ano era 1945, e o mundo estava interessado nos momentos finais da Segunda Grande Guerra e em suas conseqüências, não dando muita importância imediata à descoberta. No entanto, nos anos decorrentes os especialistas começaram a tomar contato com os textos, apesar da relativa demora na publicação. Esta coleção de textos ficou conhecida como biblioteca copta de Nag Hammadi, e é o assunto específico deste artigo.

Antes, porém, pode-se ainda destacar a aquisição de um novo codex com textos coptas pela fundação Mecenaz. Esta aquisição foi anunciada na ocasião da oitava reunião de estudos coptas, em Paris, em julho de 2004, pelo professor Rodolphe Kasser. Este codex, chamado

em princípio de “Codex Mecnas”, recebeu o nome de “Codex Tchacos”. Voltaremos a ele mais tarde.

A DESCOBERTA¹

Em dezembro de 1945, dois camponeses egípcios entraram em uma caverna, próxima à cidade moderna de Nag Hammadi, margem leste do Nilo, alto Egito, à procura de fertilizante. Eles encontraram um jarro de argila de aproximadamente sessenta centímetros de altura por trinta de largura. Dentro do vaso havia diversos códices de papiros com coberturas de couro. Aos olhos dos camponeses, os códices pareciam ser antigos e possuíam caracteres escritos desconhecidos por seus descobridores.

O que se segue é uma história de assassinatos e vinganças² digna de um enredo de filme de mistério e ação, que envolveu o pai dos camponeses descobridores. Os irmãos descobridores estavam envolvidos em rixas com outras famílias, e seu pai foi assassinado devido a uma destas contendas.

Os manuscritos parecem ter ficado guardados na casa dos descobridores durante semanas, talvez até meses, sem que se percebesse seu valor histórico. Existe inclusive, a possibilidade de que durante este tempo, algumas páginas, sobretudo do codex XIII, tenham sido utilizadas para acender o fogo no fogão à lenha da mãe dos camponeses descobridores.

Com medo de ser descoberto pela polícia, que investigava assassinatos por vingança na região, Mohamed Ali, um dos irmãos camponeses, entregou os códices a um sacerdote copta, Basílio Abd al-Masih. Basílio então, os mostrou ao seu irmão, Raghid Andrawus, professor de história nas paróquias coptas da região. Raghid reconheceu que os manuscritos poderiam ter certo valor e levou um dos códices³ à cidade do Cairo.

No Cairo, o codex foi visto pelo médico G. Sobhi, que percebeu que o manuscrito possuía valor histórico e avisou ao departamento de antiguidades do governo egípcio. Nesta época, o diretor do departamento era o Francês E. Drioton, que comprou o codex de Raghid por

¹ As informações factuais presentes neste trecho foram tiradas da introdução da tradução espanhola dos textos de Nag Hammadi. Cf. Piñero, da introdução da obra de PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. New York: Random House, 1979.

² Parafraseando Antonio Piñero.

³ Que posteriormente seria denominado como codex III.

uma quantia relativamente modesta. No mês de outubro de 1946, quase um ano após a descoberta, o codex em questão chegou às mãos de Togo Mina, diretor do Museu Copta do Cairo.

No ano seguinte, um jovem estudioso francês, J. Doresse, que estava no Egito para estudar os mosteiros coptas na antiguidade tardia, teve contato com os textos do codex que estava sob a guarda de Togo Mina no Museu Copta do Cairo. E então, pela primeira vez, alguém finalmente percebeu a real importância dos textos. Doresse percebeu que se tratava de textos cristãos antigos, desconhecidos até o momento. A língua em que os textos estavam escritos era o copta, a língua do Egito na época romana. Ele pôde ver nos manuscritos títulos como *O apócrifo de João* e a *Sabedoria de Jesus Cristo*, por exemplo. Doresse e Mina fizeram projetos de publicação dos textos. Eles começaram uma busca por outros códices, mas como não conseguiram encontrar nenhum outro, acreditaram que o que possuíam era o único. Então, eles noticiaram oficialmente a descoberta dos textos que possuíam em 1948⁴.

Enquanto isso, mais ou menos na mesma época, o codex que posteriormente seria denominado como sendo o número 1 era adquirido pela fundação Jung⁵, por intermédio de um antiquário belga, A. Eid. Este codex, após sua publicação, foi entregue ao museu copta do Cairo.

Os outros códices foram sendo gradualmente adquiridos por outras pessoas ou antiquários. Até que em 1949, todos os códices foram expropriados pelo governo do Egito, e entregues ao museu copta do Cairo. Com a morte de Togo Mina, em outubro de 1949, os códices então, ficaram guardados em uma mala selada até 1956. O sucessor de Togo Mina, Pahor Labib, só tomou conhecimento dos manuscritos em 1952.

A PUBLICAÇÃO

No que concerne à publicação dos textos, é importante citar a história política e social do Egito contemporâneo, sobretudo no final dos anos 40 e anos 50. Em 1947, o Egito enfrenta Israel em uma guerra; em 1952, o país passa por uma revolução que dura até o ano de 1954, com a abdicação do rei Faruk, e a proclamação da República Egípcia; e ainda, em 1956, o

⁴ Na publicação *Comptes rendus l'Académie des inscriptions et belles-lettres* francesa em 1948.

⁵ Este codex é também conhecido como codex Jung, devido à aquisição por parte da fundação Jung.

país enfrenta Israel em uma nova guerra. Todos estes eventos retardaram de certa forma a publicação dos textos.

Alguns textos foram publicados separadamente no decorrer dos anos 50. É o caso, por exemplo, do documento conhecido como *Evangelho da verdade*⁶, que foi publicado em 1956 por M. Malinine, H.-Ch. Puech e G. Quispel; e do Evangelho de Tomé⁷, publicado em 1959⁸.

No entanto, somente em 1961, iniciou-se um esforço para a publicação completa dos textos de Nag Hammadi. H.-Ch. Puech e A. Guillaumont sugeriram à UNESCO que financiasse a publicação completa dos textos. Então entrou em cena um estudioso muito importante para a história da pesquisa de Nag Hammadi, James Robinson. Ele encarregou-se de criar o *Comitê internacional dos códices de Nag Hammadi*. Sob o patronato da UNESCO, e tendo como editor chefe J. Robinson, este comitê publicou entre os anos de 1972 e 1984 doze volumes com as fotos das páginas de papiros, os fragmentos e as coberturas de couro dos códices de Nag Hammadi. Esta edição é conhecida como a edição *fac-símile* de Nag Hammadi⁹.

J. Robinson foi também o organizador da primeira tradução completa dos textos de Nag Hammadi, em 1977, feita por pesquisadores do *Instituto para a antiguidade e cristianismo* da “Claremont Graduate School” na Califórnia. A edição recebeu o nome de *The Nag Hammadi Library in English*, e foi publicada contendo as traduções em inglês dos textos de Nag Hammadi e de mais dois textos ditos gnósticos do Codex de Berlim, o *Evangelho de Maria* (BC 8502, 1) e *Os atos de Pedro* (BC 85502, 4), juntamente com breves introduções a cada texto. Esta tradução prestou enormes serviços, pois, além de ser a primeira tradução de todos os textos de Nag Hammadi, tornou tais textos acessíveis não só aos estudiosos, mas ao grande público em geral.

⁶ O segundo texto do codex I. O codex XII possui fragmentos deste mesmo texto, trata-se, porém, de uma versão diferente do mesmo documento.

⁷ O segundo texto do codex II.

⁸ Por A. Guillaumont, H.-Ch. Puech, G. Quispel, W.C. Till e Abd el Masih.

⁹ ROBINSON, James. *The facsimile edition of the Nag Hammadi codices*. Claremont: Claremont Graduate School/Institute for Antiquity and Christianity, 1972-84.

No entanto, esta edição está ultrapassada hoje em dia. Primeiramente porque de certa forma foi feita às pressas. E ainda, porque as traduções datam de quase trinta anos, e não consideram as evoluções da coptologia nos últimos tempos.¹⁰

Existem hoje em dia três edições críticas com tradução dos textos de Nag Hammadi. Uma delas realizada pelo mesmo grupo da Califórnia que publicou *The Nag Hammadi Library in English* e se chama *The Coptic Gnostic Library*, e foi lançada em cinco volumes, em uma coleção com o título de *Nag Hammadi Studies*. Esta edição contém os textos coptas editados, com aparato crítico e notas, bem como introduções gerais aos textos e às traduções. Esta edição é na verdade uma expansão da *The Nag Hammadi Library in English*, sendo as traduções as mesmas, com o adicional do texto copta, das notas e do aparato crítico, no entanto.

Uma nova edição em inglês está sendo preparada sob a direção de Marvin Meyer. A idéia é tornar acessível em língua inglesa, novas traduções atualizadas dos textos de Nag Hammadi, com aparatos críticos e notas igualmente atualizados e em consonância com as evoluções da coptologia nos últimos 30 anos. Esta edição, preparada pela editora Harper San Francisco, conta com a colaboração dos pesquisadores canadenses e alemães.

As outras duas edições críticas dos textos de Nag Hammadi foram realizadas em Berlim e em Québec, Canadá. A edição alemã foi publicada com o título de *Berliner Arbeitskreis für Koptisch-gnostische Schriften* na coleção *Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur*. E a tradução integral dos textos de Nag Hammadi em alemão está disponível há pouco tempo¹¹, com o título de *Nag Hammadi Deutsch*.

A edição crítica publicada pela Universidade Laval em Québec, Canadá, começou a ser realizada no fim da década de 70¹² com o título de *Bibliothèque copte de Nag Hammadi*. Trata-se de uma coleção com três secções: textos, estudos e concordância. A secção “textos” comporta a tradução em francês, juntamente com o texto copta editado de acordo com a disposição das linhas no manuscrito de Nag Hammadi, bem como notas, aparato crítico,

¹⁰ Em 1996 *The Nag Hammadi Library in English* foi re-editada, tendo a editora dito que se tratava de uma edição revisada. No entanto, isto não procede. As traduções são as mesmas publicadas em 1977, assim como as introduções, não havendo nada de novo.

¹¹ O volume I foi publicado em 2001 e o volume II em 2003.

¹² O primeiro volume foi publicado em 1977. Cf. Ménard, 1977. A coleção *Bibliothèque copte de Nag Hammadi* foi fundada por Hervé Gagné, Jacques Ménard e Michel Roberge. Hoje ela é dirigida pelos professores Wolf-Peter Funk, Louis Painchaud e Paul-Hubert Poirier.

índice de palavras coptas e gregas e uma introdução bem desenvolvida, juntamente com um comentário extenso do texto. Esta secção já publicou 31 volumes, tendo sido o último o *Apocalipse de Paulo*¹³.

A secção “estudos” conta presentemente com 6 volumes, estando o sétimo previsto para este ano. Ela comporta artigos e estudos sobre os textos de Nag Hammadi e o gnosticismo em geral. A secção “concordância” possui 7 volumes, estando o volume com a concordância do codex II de Nag Hammadi previsto para este ano. Esta secção fornece a concordância dos textos de Nag Hammadi, equipando os estudiosos com uma excelente ferramenta de trabalho. Deve-se ainda destacar que a iniciativa de editar a concordância dos textos de Nag Hammadi é inédita, o que dá a esta realização da Universidade Laval um carácter de pioneirismo frente às demais edições críticas.

Existe ainda uma tradução completa dos textos de Nag Hammadi em espanhol, organizada por Antonio Piñero, José M. Torrents e Francisco G. Bazán. Esta edição consiste apenas de traduções e introduções dos textos de Nag Hammadi, não sendo uma edição crítica. Ela está dividida em três volumes: *Biblioteca de Nag Hammadi I: Tratados filosóficos y cosmológicos*; *Biblioteca de Nag Hammadi II: Evangelios, hechos, cartas*; e *Biblioteca de Nag Hammadi III: Apocalipsis y otros escritos*. Todos os volumes foram publicados em 1997, na coleção *Paradigmas* da editora madrilenha Trotta.

No tocante a bibliografia importante sobre Nag Hammadi, cabe ainda citar a publicação de D. M. Scholer, *Nag Hammadi Bibliography*. Esta publicação reúne os títulos e resumos de praticamente todas as publicações interessantes no mundo sobre Nag Hammadi e temas correlatos entre os anos de 1948 e 1969. Ela foi publicada em 1971, e é atualizada anualmente na revista *Novum Testamentum*.

OS TEXTOS

Como já mencionado, a descoberta dos textos de Nag Hammadi propiciou um grande número de textos inéditos. Segue um inventario completo dos textos encontrados em Nag Hammadi dispostos por ordem em que se encontram nos códices.

¹³ ROSENSTIEHL, J.-M., KALER, M. *L'apocalypse de Paul*. Bibliothèque copte de Nag Hammadi, section «textes». Québec/Louvain/Paris/Dudley: Les presses de l'Université Laval/Peeters, 2005.

Codex I: *A oração do apóstolo Paulo; O apócrifo de Tiago; O evangelho da verdade*¹⁴; *O tratado sobre a ressurreição; O tratado tripartido.*

Codex II: *O apócrifo de João*¹⁵ (versão longa); *O evangelho de Tomé; O evangelho de Felipe; A hipóstase dos arcontes; O escrito sem título*¹⁶; *A exegese da alma; O livro de Tomé*¹⁷.

Codex III: *O apócrifo de João* (versão breve); *O livro sagrado do Grande Espírito invisível*¹⁸; *Eugnostos, o bem-aventurado; A sabedoria de Jesus Cristo; O diálogo do Salvador.*

Codex IV: *O apócrifo de João* (versão longa); *O livro sagrado do Grande Espírito invisível.*

Codex V: *Eugnostos, o bem-aventurado; O apocalipse de Paulo; O (primeiro) apocalipse de Tiago*¹⁹; *O (segundo) apocalipse de Tiago; O apocalipse de Adão.*

Codex VI: *Os atos de Pedro e dos doze apóstolos; O trovão, mente perfeita; O autêntico logos ; O conceito de nosso grande poder; A república de Platão (588A-589B); A Hebdómada e a Enêada; A oração de ação de graças; Alcepius.*

Codex VII: *A paráfrase de Sem; O segundo tratado do grande Set; O apocalipse de Pedro; Os ensinamentos de Silvano; Os três marcos de Set.*

Codex VIII: *Zostrianos; A carta de Pedro a Felipe.*

Codex IX: *Melquisedeque, Nórea, O testemunho verdadeiro.*

Codex X: *Marsánes.*

¹⁴ Este texto não possui título no manuscrito, no entanto, ele recebeu este nome dos estudiosos devido a sua frase inicial: “O evangelho da verdade é alegria”.

¹⁵ Este texto tem outras recensões em outros códices de Nag Hammadi e uma outra no Codex Berlim (BC 8502, 2).

¹⁶ Como o próprio nome sugere, este escrito não possui título no manuscrito. O título é proposto pelos estudiosos. Os estudiosos de língua inglesa também se referem a este texto como *On the origin of the world*.

¹⁷ Devido a um erro de tradução, este texto é também conhecido como *O livro de Tomé, o atleta*. No entanto, a palavra atleta não pertence ao título do texto em questão. Trata-se da primeira palavra do colofon do codex II. Colofon é uma espécie de nota colocada pelo escriba ou copista ao final do manuscrito.

¹⁸ Também conhecido como *Gospel of the Egyptians*.

¹⁹ Existem dois textos com o mesmo título no codex V: *O apocalipse de Tiago*. Os estudiosos, portanto, resolveram nomeá-los como Primeiro e Segundo, de acordo com a disposição no codex V, para assim diferenciá-los.

Codex XI: *A interpretação da gnose; A exposição valentiniana; Allógenes; Hypsifrone.*

Codex XII: *As sentenças de Sextus; O evangelho da verdade²⁰; fragmentos²¹.*

Codex XIII: *Protenoia trimórfica.*

Acredita-se atualmente que os textos de Nag Hammadi são traduções coptas de documentos originalmente compostos em grego. As datas das composições originais são, em geral, difíceis de serem precisadas, mas variam entre o século II e o século IV. Os locais de composição são igualmente difíceis de serem precisados. As cópias encontradas em Nag Hammadi, todavia, datam seguramente do século IV. Pôde-se chegar a esta conclusão pela análise dos papiros e das coberturas de couro dos códices.

Nos anos posteriores à descoberta e à medida que os estudiosos tomavam contato com os textos foi se percebendo que a coleção comportava textos que continham uma doutrina próxima às descritas pelos padres da Igreja, nos séculos II, III e IV, como sendo errôneas. Estas doutrinas foram taxadas por eles de hereges. *O apócrifo de João*, por exemplo, possui uma descrição do mito da criação bem próxima a que Irineu de Lyon atribui a um destes grupos hereges em seu livro *Contra as Heresias*. Portanto, este tipo de similitude permitiu aos especialistas associarem os textos de Nag Hammadi a estes grupos descritos pelos padres da Igreja.

Algumas destas doutrinas religiosas descritas e desqualificadas por Irineu de Lyon e outros padres da Igreja, os chamados heresiólogos, ficaram conhecidas como Gnosticismo. Esta denominação, no entanto, é moderna, uma construção dos estudiosos do século XIX que de certa forma continua sendo utilizada até hoje. Em momento algum na Antiguidade houve uma religião que se autodenominasse gnosticismo, ou ainda uma seita gnóstica.

“Gnosticismo” vem da palavra grega *gnose*, que é geralmente traduzida como ‘conhecimento’. É importante que se diga que a *gnose* não era tida como algo ruim para os cristãos dos primeiros séculos. Muito pelo contrário. Clemente de Alexandria, por exemplo, um autor

²⁰ Trata-se de uma versão diferente do texto de mesmo nome do codex I. Porém, esta versão não está completa. São apenas fragmentos.

²¹ Não se pode saber ao certo de que texto são estes fragmentos.

que nunca foi considerado herético, considerava que a *gnose*, ou seja, o conhecimento, era fundamental para um cristão. Os heresiólogos, contudo, consideravam que estas doutrinas eram pseudo-gnósticas, doutrinas que pregavam uma *gnose* falsa²². Assim, deve-se considerar que, ao se falar em “gnosticismo” ou “gnóstico”, utiliza-se um conceito moderno, criado pelos especialistas para designar um fenômeno religioso da antiguidade. Na verdade, alguns estudiosos propõem que se pare de utilizar o termo “gnosticismo”²³. Creio, no entanto, que se pode continuar a utilizar os termos “gnóstico” e “gnosticismo”, sempre precisando, porém, que se trata de uma denominação moderna.

A se falar da história da pesquisa sobre o “gnosticismo”, não se deve deixar de citar o trabalho e a obra de Hans Jonas, que na década de 50 escreveu o livro *The Gnostic Religion: The Message of the Alien God and the Beginnings of Christianity*²⁴. Jonas ainda não possuía conhecimento do conteúdo dos textos de Nag Hammadi. De qualquer modo, seu trabalho é memorável e merece ser citado como marco nos estudos do “gnosticismo”.

A CLASSIFICAÇÃO DOS TEXTOS

Rapidamente se percebeu a semelhança entre a doutrina de alguns textos de Nag Hammadi e as doutrinas taxadas pelos heresiólogos de hereges, de pseudo-gnósticas. Então, os estudiosos logo pensaram que se tratava de uma biblioteca, uma coleção de textos “gnósticos”. A euforia nos anos posteriores à descoberta foi grande, pois finalmente se teria contato com a doutrina “gnóstica” explicada pelos próprios “gnósticos”. Possuía-se finalmente um corpus de textos “gnósticos”!

O grande esforço dos estudiosos durante os anos 60 e 70 foi traçar, possuindo como fonte principal e primária a Biblioteca de Nag Hammadi, as origens do “Gnosticismo”. Esta discussão era na verdade uma extensão da discussão que existia desde o século XIX, antes baseada somente nas fontes indiretas, os heresiólogos, e agora com a ajuda de fontes

²² Ver, por exemplo, o título completo da obra de Irineu de Lyon: *Contra as heresias – denúncia e refutação da falsa gnose*.

²³ Esta questão é uma das principais discussões atuais nos estudos e pesquisas sobre Nag Hammadi e as denominações religiosas ditas gnósticas. Ver, por exemplo, KING, Karen. *What is Gnosticism?* Cambridge: Harvard University Press, 2003 e WILLIAMS, M. A. *Rethinking Gnosticism: an argument for dismantling a dubious category*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

²⁴ JONAS, Hans. *The Gnostic religion: the message of the alien God and the beginnings of Christianity*. Boston: Beacon Press, 1958.

primárias, os textos de Nag Hammadi. Diversas alternativas foram propostas: origens cristãs, orientais, iranianas, judaicas (a partir da apocalíptica), ou ainda a partir da filosofia grega. Em 1966, ocorreu em Messina um colóquio que teve como objetivo discutir as origens do gnosticismo. Em meados dos anos 80, vendo que não se chegaria a uma conclusão satisfatória sobre o assunto, os estudiosos começaram a se dedicar a outros pontos importantes sobre os textos de Nag Hammadi, como a sua interpretação, por exemplo.

Atualmente a idéia de que a Biblioteca de Nag Hammadi trata-se de uma coleção de textos gnósticos vem sendo gradualmente abandonada pelos estudiosos. Existe uma grande diversidade doutrinal e estilística entre os textos de Nag Hammadi. Além do mais, mesmo considerando que os códices de Nag Hammadi, tanto os papiros quanto as coberturas de couro, foram produzidos mais ou menos na mesma época, percebe-se diferenças na sua manufaturação, o que sugere que eles não foram produzidos nos mesmos locais, e nem pelas mesmas pessoas. Neste sentido, deve-se considerar que a Biblioteca de Nag Hammadi é um conjunto de coleções e não uma coleção monolítica.

Em relação à categorização dos textos de Nag Hammadi, apresento a classificação exposta por Louis Painchaud²⁵ em uma comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Estudos do Judaísmo e Cristianismo Primitivos. É importante dizer que esta classificação é uma tentativa moderna de dividir os textos de Nag Hammadi em grupos. Mas apesar de moderna, leva em consideração semelhanças doutrinárias e teológicas entre os textos, bem como elementos históricos.

Começemos pelos grupos de textos que podem ser considerados gnósticos.

Um primeiro grupo é formado pelos textos valentinianos, ou seja, textos cuja doutrina apresenta similitudes com a atribuída pelos heresiólogos aos discípulos de Valentino. Valentino foi um cristão erudito do século II que nasceu na região do Delta do Nilo, foi educado em Alexandria e viveu também em Roma. Seus discípulos e seguidores formaram uma corrente dentro do cristianismo no século II e posteriormente uma igreja distinta. Assim sendo, esta categoria de textos está associada a uma ramificação do cristianismo

²⁵ PAINCHAUD, Louis. “Os textos de Nag Hammadi como fontes para a história do cristianismo primitivo”. Comunicação apresentada no *I Encontro da Associação Brasileira de Estudos do Judaísmo e do Cristianismo Antigo*. Rio de Janeiro, 2005.

primitivo que pode ser averiguada com a ajuda de outras fontes, os textos dos heresiólogos. Seriam textos valentinianos, portanto, o *I Apocalipse de Tiago*; *O tratado tripartido*; *A exposição valentiniana*; *O evangelho de Felipe*²⁶; *A interpretação da gnose*; *o Evangelho da verdade*²⁷; *O tratado sobre a ressurreição*; e talvez o *Apocalipse de Paulo*²⁸.

Um outro grupo é formado pelos textos setianos. Esta categoria é uma construção moderna, mas recobre um sistema doutrinal preciso²⁹. Estes textos recebem o nome de setianos devido à importância dada por sua doutrina à figura de Set, filho de Adão (Gn 4, 25-26). São considerados textos setianos: *O apócrifo de João*; *A hipóstase dos arcontes*; *O livro sagrado do Grande Espírito Invisível*; *O apocalipse de Adão*; *Os três marcos de Set*; *Melquisedeque*; *Nórea*; *Pretenoia Trimórfica*; *Zostrianos*; *Marsánes*; *Allógenes*; e *Hypsifrone*.

Uma terceira categoria de textos gnósticos pode ser identificada entre os escritos de Nag Hammadi. São os textos que se aproximam da doutrina descrita por Irineu como sendo a dos “ofitas”³⁰. Seriam textos ofitas: *Eugnostos*; e *O escrito sem título*. *A hipóstase dos arcontes* poderia igualmente pertencer a esta categoria.

Textos como *A paráfrase de Sem*, *O segundo tratado do grande Set* e *O apocalipse de Pedro* dependem claramente de diversas doutrinas gnósticas, não podendo, grosso modo, ser ligados exclusivamente a uma única categoria.

Estes são os textos que podem ser seguramente ligados a doutrinas ditas gnósticas. Mas além destes escritos, existem ainda outros textos de diferentes procedências.

O famoso *Evangelho de Tomé*, juntamente com o *livro de Tomé*, constitui um grupo de escritos ligados à tradição de Tomé. Estes textos apresentam similaridades com um outro texto, *Os atos de Tomé*, que não se encontra entre os documentos de Nag Hammadi. Devido à

²⁶ É bom lembrar que *O evangelho de Felipe* não se trata realmente de um evangelho, apesar de seu título. Trata-se de um florilégio, uma obra que reúne diversas passagens de cunho nitidamente valentiniano, mas que via de regra, não possuem um quadro narrativo.

²⁷ Este texto é atribuído por alguns estudiosos ao próprio Valentino.

²⁸ Alguns estudiosos não estão convencidos em relação ao caráter valentiniano deste texto. Cf. ROSENSTIEHL, 2005.

²⁹ PAINCHAUD, p. 9.

³⁰ *Contra as heresias*, I, 30.

similaridade destes textos, e a atribuição de sua autoria a Tomé, crê-se que ambos são provenientes do mesmo ambiente, provavelmente siríaco³¹.

O codex VI possui textos herméticos. Seriam eles: *Hebdómada e a Enéada*; *A oração de ação de graças*; e *Alcelpius*. O texto *Autêntico logos* também se aproxima desta categoria.

Há ainda textos cristãos apócrifos que não possuem nenhuma ligação direta com o gnosticismo. São eles: *Oração do apóstolo Paulo*; o *Apócrifo de Tiago*; a *Exegese da alma*; o *Diálogo do Salvador*; o *Segundo Apocalipse de Tiago*; os *Atos de Pedro e dos doze apóstolos*; as *Lições de Silvano*; e a *Carta de Pedro a Felipe*.

E por último, versões de textos que já eram conhecidos antes da descoberta, e que não podem de modo algum ser considerados gnósticos, como o *Fragmento da República de Platão*, por exemplo.

Pode-se, portanto, perceber o caráter heterogêneo da Biblioteca de Nag Hammadi. Tal heterogeneidade torna impossível classificar todos os textos sob um mesmo rótulo doutrinal. Assim sendo, a crença de que se trata de uma biblioteca de uma “seita gnóstica” dificilmente pode ser sustentada. Mas não se pode negar a existência de textos que se aproximam das doutrinas denunciadas pelos heresiólogos nos séculos II, III e IV e que receberam o nome dos estudiosos modernos de gnósticas. Apesar da heterogeneidade da biblioteca de Nag Hammadi, pelo menos dois terços de seus textos podem ser ligados seguramente às correntes ditas gnósticas³².

Atualmente, tende-se a acreditar que estes textos de Nag Hammadi tenham pertencido a diversas comunidades monásticas do sul do Egito. Tal teoria deve-se, primeiramente, à já exposta heterogeneidade da coleção, o que torna impossível a classificação dos textos sob um mesmo rótulo doutrinal, e a presença de um número considerável de mosteiros cristãos coptas na região em meados do século IV. Mas por que tais comunidades monásticas possuíam estes textos? Duas respostas são possíveis: para se servir dos textos para sua própria erudição e consumo; ou ainda para se servir dos textos para conhecer sua doutrina e poder refutá-la.

³¹ PAINCHAUD, p. 9.

³² PAINCHAUD, p. 10.

No entanto, a primeira resposta é a mais provável. No ano de 367, Atanásio, bispo de Alexandria, escreveu uma carta festiva³³ que foi traduzida para o copta e enviada aos monastérios coptas do Egito. O conteúdo desta carta é esclarecedor no tocante ao consumo de textos religiosos. Nela, Atanásio reprime o consumo de textos que ele chama de “apógrafos” e faz uma lista dos textos que podem ser lidos³⁴. Esta carta demonstra que, por um lado, textos considerados hereges eram lidos nos ambientes monásticos do Egito na segunda metade do séc. IV e, por outro, que as autoridades eclesiásticas fizeram esforços para impedir que estes textos fossem consumidos. Eis um trecho da carta³⁵:

“Pois estes apógrafos são uns malévolos e lhes dar atenção é algo sem sentido, porque eles são vozes vazias e abomináveis, pois eles são inícios de revolução e sua intenção é fazer com que os indivíduos disputem entre si, não buscando o que é bom para a Igreja, mas desejando receber as honras daqueles aos quais enganam. Assim sendo, seu objetivo é produzir estórias para que estas sejam consideradas grandiosas. Portanto, é um dever para nós rejeitar livros deste tipo. Mesmo encontrado uma passagem que possa ser útil, é melhor não confiar nela, pois provém da malícia daqueles que [...]”³⁶

Como os escritos de Nag Hammadi não fazem parte da lista feita por Atanásio de textos que poderiam ser lidos, pode-se supor que eles faziam parte deste grupo de “apógrafos”, portanto, textos condenáveis aos olhos do bispo. Assim sendo, não seria absurdo pensar que a condenação explícita destes textos por parte das autoridades eclesiásticas do Egito fez com que eles fossem excluídos e abandonados pelas comunidades monásticas que os utilizavam. Daí, muito provavelmente, eles foram reunidos para serem enterrados, sendo encontrados cerca de 1600 anos depois.

³³ LEFORT, L.-Th. *S. Athanase – lettres festales et pastorales en copte*. Louvain: Universitatis Catholicae Americae et Universitatis Catholicae Lovaniensis, 1965 (Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium, vol. 150 e 151), pp. 31-40.

³⁴ LEFORT, pp. 36-37.

³⁵ Traduzida em português diretamente do texto copta editado por Lefort. Cf. LEFORT, p. 20.

³⁶ Segue uma lacuna no texto copta.

Então, pode-se traçar uma trajetória dos textos de Nag Hammadi, de sua composição original em grego, até sua tradução em copta. Stephen Emmel³⁷ sugere quatro estágios de transmissão: o primeiro, o estágio de composição em grego; o segundo, o estágio de escritura em grego; o terceiro, o estágio de tradução do grego para o copta; e o quarto, o estágio final em que os textos foram encontrados, isto é, o estágio monástico copta.

O CODEX TCHACOS

No ano de 2004 em Paris, durante o oitavo congresso internacional de estudos coptas, o professor Rodolphe Kasser anunciou a aquisição de um codex com textos coptas pela fundação Mecenas. Este codex é conhecido desde 1982, quando foi examinado pelo professor Stephen Emmel. O proprietário do codex queria vendê-lo por uma quantia milionária. Desde então, alguns estudiosos tinham acesso à parte do conteúdo deste codex por meio de fotos de algumas páginas e fragmentos.

Na ocasião do oitavo congresso internacional de estudos coptas, Rodolphe Kasser anunciou ainda que os textos seriam publicados em 2005, o que não ocorreu. No entanto, em 2006, a revista National Geographic anunciou a compra dos direitos exclusivos de publicação do codex em questão, nomeando-o como “Codex Tchacos”. A publicação ocorreu dias antes da páscoa, no site da National Geographic, acompanhada de um documentário sensacionalista sobre um dos textos do codex, o *Evangelho De Judas*.

O codex data provavelmente da segunda metade do século IV ou início do século V. Ele contém quatro textos escritos em copta, provavelmente traduções feitas a partir do grego. Dois destes textos já eram conhecidos, pois figuram entre os documentos da biblioteca de Nag Hammadi. São eles *O I apocalipse de Tiago e a carta de Pedro a Felipe*. O terceiro texto é inédito e possui como título no manuscrito *O evangelho de Judas*. O quarto texto, igualmente inédito, recebeu dos estudiosos o título de *Livro de Allógenes*.

De qualquer forma, o texto que mais chamou a atenção foi, sem dúvidas, o *Evangelho de Judas*. O fato de existir um evangelho atribuído a Judas, o traidor por excelência, é por si só fantástico. No entanto, ao contrário do que alguns meios de comunicação de massa

³⁷ EMMEL, Stephen. Religious tradition, textual transmission, and the Nag Hammadi codices. In: TURNER, J. D., MCGUIRE, A. *The Nag Hammadi Library after fifty years*. Nova York: Leiden, 1997. pp. 34-43.

afirmaram recentemente³⁸, o texto não parece trazer nada de “bombástico”. É somente mais um evangelho tardio, composto muito provavelmente no século II, que utiliza a autoria de um apóstolo para legar autoridade à sua mensagem, o que os estudiosos chamam de pseudonímia³⁹. No entanto, o sistema mítico descrito pelo texto é extremamente semelhante ao de outros textos de Nag Hammadi classificados como setianos, como o *Apócrifo de João* e o *Livro Sagrado do Grande Espírito Invisível*, por exemplo. Portanto, apesar da recente publicação, já existe entre os especialistas um consenso de que o *Evangelho de Judas* pode ser considerado um texto setiano.

Irineu de Lyon cita a existência de um *Evangelho de Judas* em sua obra⁴⁰. Ele atribui tal evangelho aos cainitas, uma espécie de corrente que teria a tendência de transformar todos os personagens maus das Escrituras em heróis; daí o nome cainitas, derivado de Caim. No entanto, não há como saber se o documento do codex Tchacos e o Evangelho de Judas citado por Irineu são o mesmo texto.

CONCLUSÃO

Os textos de Nag Hammadi são fontes importantíssimas para o estudo do cristianismo primitivo. No entanto, é importante lembrar que são textos relativamente tardios⁴¹, produzidos originalmente nos séculos II, III e IV. Assim, não se deve tentar utilizar tais textos como fontes históricas primárias para o estudo de acontecimentos históricos do século I. Muitos estudiosos americanos, por exemplo, buscaram nos textos de Nag Hammadi fontes para o estudo do Jesus histórico⁴². No entanto, creio que estes textos de Nag Hammadi não são fontes confiáveis para este tipo de estudo, mas sim o reflexo de tradições tardias sobre a figura de Jesus e dos personagens que o cercaram.

³⁸ A revista *Época*, por exemplo, publicou uma grande reportagem sobre o *Evangelho de Judas* no último mês de fevereiro.

³⁹ O texto sugere uma nova interpretação para a traição de Judas. O apóstolo teria traído Jesus a pedido do próprio. No entanto, a questão da traição, por mais bombástica que possa parecer, ocupa papel secundário no enredo do texto. O principal objetivo do documento é, portanto, a descrição de um sistema mítico preciso, chamado modernamente de setiano. E tal sistema mítico não é novidade, pois é largamente conhecido em outros textos de Nag Hammadi. Ainda em relação à questão da traição, é importante lembrar que o *Evangelho de Judas* é um texto tardio. Portanto, não se pode atribuir a ele rigor histórico para o estudo de acontecimentos da primeira metade do século I.

⁴⁰ Contra as Heresias I 31, 1: “E apresentam, à confirmação, um escrito produzido por eles, que intitulam *Evangelho de Judas*”.

⁴¹ Com exceção do fragmento da *República de Platão*.

⁴² O *Evangelho de Tomé*, por exemplo, é um dos textos prediletos dos pesquisadores americanos para o estudo do Jesus histórico.

De qualquer forma, estes textos são importantíssimos para o estudo e compreensão do cristianismo em seu período de formação, ao menos a partir do século II. Eles demonstram a existência de uma pluralidade de manifestações religiosas cristãs nos séculos II, III e IV, quando ainda não existia um cânon e uma ortodoxia definidos.

No Brasil, em particular, os estudos dos textos de Nag Hammadi não se encontram em um estágio muito desenvolvido. Nota-se, porém, um crescente interesse por parte de estudantes de história, teologia e disciplinas correlatas em relação à Nag Hammadi e ainda de estudiosos de diferentes domínios de estudos bíblicos⁴³.

Nos últimos anos alguns textos de Nag Hammadi têm chamado à atenção não só dos estudiosos, mas da população em geral, devido a reportagens de meios de comunicação de massa e ainda a obras de ficção. É o caso, por exemplo, de dois textos do codex II, *O evangelho de Tomé* e *O evangelho de Felipe*. O primeiro foi tema de um filme de Hollywood chamado *Stigmata*. O segundo é utilizado no romance/ ficção de Dan Brown, *O Código da Vinci*⁴⁴, sucesso de vendas no mundo inteiro. Este interesse repentino por parte do grande público gerou uma grande quantidade de obras literárias de vulgarização que tentam explicar os textos de Nag Hammadi.

No entanto, a grande maioria dos textos de Nag Hammadi continua desconhecida do público. E alguns textos em particular não recebem atenção nem dos próprios estudiosos. Portanto, há ainda muito que fazer e pesquisar em relação à biblioteca copta de Nag Hammadi, uma tarefa importante para os pesquisadores de hoje e de amanhã.

⁴³ Em novembro de 2005, no VI Seminário de Estudos de Apocalíptica da UMESP, foi apresentada a primeira tradução em português confiável, feita diretamente do copta, de um texto de Nag Hammadi, o *Apocalipse de Paulo*. Cf. CHAVES, Julio Cesar. "O *Apocalipse de Paulo* do codex V de Nag Hammadi". *Paper* apresentado no VI Seminário de Estudos de Apocalíptica. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 22-24 de novembro de 2005.

⁴⁴ Deve-se lembrar que ambos se tratam de obras de ficção. Mesmo assim, é importante destacar que a utilização destes dois textos de Nag Hammadi por parte destas duas obras de ficção é deveras fantasiosa. No caso específico do *Código da Vinci*, o extrato do *Evangelho de Felipe* sequer corresponde à tradução correta do texto. Cf. PAINCHAUD, 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, Julio Cesar. “O *Apocalipse de Paulo* do codex V de Nag Hammadi”. *Paper* apresentado no VI Seminário de Estudos de Apocalíptica. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 22-24 de novembro de 2005.

EMMEL, Stephen. Religious tradition, textual transmission, and the Nag Hammadi codices. In: TURNER, J. D, MCGUIRE, A. *The Nag Hammadi Library after fifty years*. Nova York: Leiden, 1997. pp. 34-43.

IRINEU DE LYON. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995 (Col. Patrística, 4).

JONAS, Hans. *The Gnostic religion: the message of the alien God and the beginnings of Christianity*. Boston: Beacon Press, 1958.

KING, Karen. *What is Gnosticism?* Cambridge: Harvard University Press, 2003.

LEFORT, L-Th. *S. Athanase – lettres festales et pastorales en copte.* Louvain: Universitatis Catholicae Americae et Universitatis Catholicae Lovaniensis, 1965 (Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium, vol. 150 e 151).

PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. New York: Random House, 1979.

PAINCHAUD, Louis. “Os textos de Nag Hammadi como fontes para a história do cristianismo primitivo”. Comunicação apresentada no *I Encontro da Associação Brasileira de Estudos do Judaísmo e do Cristianismo Antigo*. Rio de Janeiro, 2005.

PIÑERO, Antonio. *Textos Gnósticos: biblioteca de Nag Hammadi*. Madrid: Editorial Trotta, 1997.

ROBINSON, James (ed.). *The Nag Hammadi Library in English*. Nova York: Brill, 1996.

_____. *The Coptic Gnostic Library*. Leiden/Boston: Brill, 2000.

_____. *The facsimile edition of the Nag Hammadi codices*. Claremont: Claremont Graduate School/Institute for Antiquity and Christianity, 1972-84.

ROSENSTIEHL, J.-M., KALER, M. *L'apocalypse de Paul*. Bibliothèque copte de Nag Hammadi, section «textes». Québec/Louvain/Paris/Dudley: Les presses de l'Université Laval/Peeters, 2005.

SCHENKE, Hans-Martin. *Nag Hammadi Deutsch*. Berlin/New York: Walter De Gruyter, 2001.

SCHOLER, David M. *Nag Hammadi Bibliography 1948-1969*. Leiden: Brill, 1971.

WILLIAMS, M. A. *Rethinking Gnosticism: an argument for dismantling a dubious category*. Princeton: Princeton University Press, 1996.